

**FLUTUAÇÃO DO QUANTIFICADOR
E SUBIDA DE FLEXÃO**

**Maria Manuela AMBAR
Faculdade de Letras de
Universidade de Lisboa**

0. As frases em (1) ilustram os chamados casos de Flutuação do Quantificador em Português:

- (1) a. Todos os alunos ofereceram flores ao professor
(2) b. Os alunos ofereceram todos flores ao professor

Não tratarei aqui as questões a que um estudo predominantemente semântico do par (1a) / (1b) possa conduzir. Assumirei no entanto que uma análise adequada dos processos sintácticos envolvidos em estruturas de flutuação do quantificador deve dar conta da seguinte generalização: quer surja à esquerda do SN sujeito como em (1a), quer surja à direita do verbo como em (1b), todos quantifica universalmente (n.1) sobre o conjunto denotado por aquele SN. Deverá igualmente explicar a relação formal dada pela concordância obrigatória, em género e número, entre os dois constituintes. Compare-se (1) e (2):

- (2) a. * Todo/todas/toda os estudantes ofereceram flores ao professor.
b. * Os estudantes ofereceram todo/todas/toda flores ao professor.

Utilizando como quadro de descrição gramatical o actual

modelo da gramática generativa - Teoria da Regência e Ligação -, defenderei que estruturas como as de (1b) são derivadas de (1a) por uma transformação de movimento. No entanto, contrariamente ao que tem sido proposto pelos defensores da hipótese transformacional (ver Postal (74), Kayne (75) Lasnik & Fiengo (76), Quicoli (76), Baltin (80), Maling (76)), não considerarei que todos é movido para a direita, para uma posição pós-verbal. Explorarei, dentro da perspectiva transformacional, a hipótese lógica restante: todos fica in situ e o SN por ele modificado é movido para a esquerda (n.2). Esta hipótese, combinada com a estratégia de subida da Flexão (amalgamada com o Verbo-daqui em diante V_1), descreve de forma adequada estas construções.

1. Como primeiro foi notado por Kayne (75), no quadro da gramática generativa, duas hipóteses de análise seriam possíveis para estas estruturas: (i) uma consistiria em considerar que as regras da base (as regras sintagmáticas) geram todos como parte da estrutura do determinante do SN e que uma transformação opcionalmente o move para fora do SN - é a hipótese transformacional, segundo a qual (1a) corresponde à estrutura profunda de (1b); (ii) outra trataria todos não como um determinante contido no SN, mas como um elemento adverbial gerado directamente pelas regras da base na posição que ocupa em superfície - é a hipótese sintagmática, segundo a qual as posições ocupadas pelo quantificador em estrutura profunda e em estrutura de superfície são as mesmas, tanto em (1a) como em (1b).

Este quadro serviu de paradigma às diferentes análises que sobre este tópico se foram desenvolvendo. Assim vemos surgir na literatura da gramática generativa defensores de uma e outra perspectiva.

As duas hipóteses são empiricamente motivadas. A primeira (cf. (i)) dá conta de forma elegante da relação semântica existente entre o quantificador e o SN por ele modificado ao mesmo tempo que permite explicar o fenómeno de concordância (cf.(1) vs (2)). A segunda (cf.(ii)) permite descrever a distribuição do quantificador e relacioná-la com a distribuição do advérbio que parece estar sujeito às mesmas restrições de ocorrência. Vejam-se as seguintes frases (n. 3):

-
- (3) a. As crianças oferecem frequentemente chocolates aos amigos.
- b. ?* As crianças oferecem chocolates frequentemente aos amigos.
- c. As crianças oferecem todas chocolates aos amigos.
- d. * As crianças oferecem chocolates todas aos amigos.

No que diz respeito à posição do advérbio, o contraste parece mais claro em Inglês:

- (4) a. The children often eat chocolates.
- b. * The children eat often chocolates.
- c. The children all eat chocolates.
- d. * The children eat all chocolates.

A este respeito Kayne (75, p. 46) observa: "... the surface positions compatible with quantifiers moved from the subject are precisely those compatible with adverbs of various kinds." De facto como também este autor observou em frases como (1b) acima "introducing *tous* (...) independently of the subject NP poses a problem, however, for the semantic representation of the sentence, since despite its adverbial position *tous* is clearly taken to quantify the subject NP. Similarly, there must be a formal link between *tous* and the subject NP to account for the (...) agreement phenomena (ibidem, p. 2)". Para este último problema Kayne sugere várias pistas de solução que de certo modo influenciaram trabalhos posteriores, que referiremos pontualmente ao longo deste trabalho.

2. (1b) acima ilustra casos de flutuação do quantificador associado a um SN sujeito. Todos pode no entanto surgir não adjacente a um SN objecto por ele quantificado:

(5) a. Ele já os tinha lido todos.

b. Esses livros, ele já os tinha lido todos.

O trabalho de Kayne (75) incidiu fundamentalmente sobre a flutuação do quantificador que modifica SNs objectos, como explicitamente é referido na seguinte passagem (cf. Kayne (75: 3)): "For the purpose of this work, we shall, in fact, be most concerned with the behavior of these tous associated with object NPs, rather than subject NPs". Contrariamente, a análise que aqui proponho para a Flutuação do Quantificador limitar-se-á aos casos sujeito. Esta delimitação impõe-se dada a incompatibilidade entre o carácter breve deste trabalho e a diversidade e complexidade dos fenómenos associados à flutuação do quantificador contido em SNs objectos. De facto, uma tal análise implica em Português, o estudo dos clíticos, do sistema do auxiliar, das chamadas "small clauses", para além de todos os outros fenómenos que estão também subjacentes à análise da flutuação do quantificador associado à posição sujeito.

Assim, sobre o quantificador em SN objecto, limitar-me-ei a algumas observações gerais. De acordo com a generalização de Kayne de que L-tous ("Leftward tous movement") (n. 4) move para a esquerda um quantificador nu (um "bare quantifier"), as frases de a. em (6) e (7), mas não as de b, são possíveis em francês:

(6) a. Elle les a tous lus

b. * Elle a tous lus ces livres

(7) a. Elle a tous voulu les lire.

b. * Elle a tous voulu lire ces livres.

Em Português, no entanto, tanto as frases a, como as frases b, são agramaticais:

(6') a. * Ela tem-nos todos lido.

b. * Ela tem todos lido estes livros.

(7') a. * Ela tem todos querido lê-los.

b. * Ela tem todos querido ler estes livros.

Note-se no entanto que (6'a) se torna gramatical se o particípio passado concordar com o SN objecto:

(8) Ela tem-nos todos lidos.

Claramente, a esta alteração de concordância corresponde uma diferença sintactico-semântica: em (6'a), mas não em (8), a construção ter+PP corresponde ao Pretérito Perfeito Composto. Curiosamente, esta concordância verifica-se em Francês (cf. (6a)) também nos casos em que avoir+PP corresponde ao Passé Composé. Qualquer análise que procure dar conta da diferença entre o Português e o Francês relativamente às estruturas (6) - (7) vs (6') - (7') deverá relacionar estes fenómenos. Para o tratamento da concordância do particípio passado com o objecto em francês, Kayne (84) propõe que estas construções têm subjacente uma estrutura de "small clause". O objecto que é movido da posição objecto passa pela posição sujeito da "small clause" o que permite explicar o fenómeno de concordância. Em trabalho em curso proponho que o particípio passado do Pretérito Perfeito Composto em Português não tem subjacente uma tal estrutura, mas que a frases como (8) é aplicável a hipótese de "small clause" proposta por Kayne (84) (n. 5).

Associando esta hipótese às restrições a movimentos para

posições de adjunção a argumentos (cf. Chomsky (86)), por um lado, e ao carácter mais ou menos lexical do auxiliar em Português vs Francês (cf. Ambar (86)), por outro, é possível derivar os contrastes ilustrados em (6) - (8) acima. Estou assim a admitir como tem sido admitido na literatura (cf. sobretudo Kayne (75) e Kayne (84)), que a estratégia que permite a deslocação à esquerda de quantificadores que modificam SNs objectos (cf. (6a), (7a) e (8)) é diferente da que permite o aparecimento à direita de quantificadores que modificam o SN sujeito como em (1b). No primeiro caso o quantificador é movido, mas no segundo fica in situ. Não me deterei porém mais sobre esta questão aqui.

Voltemo-nos então para o que nos ocupa nesta comunicação: a chamada flutuação do quantificador associado aos SNs sujeito.

2. Retomemos as frases (1a) e (1b), repetidas aqui:

- (1) a. Todos os alunos ofereceram flores ao professor.
 b. Os alunos ofereceram todos flores ao professor.

Admitamos a proposta de Kayne (75): todos desloca-se da sua posição de base para uma posição pós-verbal. Duas questões então se põem: (i) qual a estrutura do SN sujeito de (1a), a estrutura profunda de (1b)? (ii) porque é a posição ocupada por todos possível em (1b), mas não em (9ab):

- (9) a. * Os alunos ofereceram flores todos ao professor.
 b. * Os alunos ofereceram flores ao professor todos.

Relativamente à primeira questão, Kayne (75) considera Q (todos) como parte do determinante sob o nó SN. Também assumirei que todos, aparecendo em posição inicial do SN está provavelmente

em posição de especificador. Para o tópico que nos ocupa admitirei aqui sem mais considerações que o SN de (1a) tem a seguinte estrutura (mas veja-se n. 6):

(10) [SN TODOS [SN]]

Quanto à segunda questão, ela torna-se tanto mais pertinente quanto pensamos que a posição alvo mais natural para o quantificador, numa análise que postule a sua posposição ao verbo, devia ser a de adjunção a todo o SV, logo a posição final dada em (9b).

Do ponto de vista do quadro teórico actual, dois problemas são claros nesta análise. Um diz respeito a esta adjunção: porque seria ela possível em posição inicial de SV e não em posição final? Outro, e talvez o mais importante, tem a ver com a relação de c-comando que deve existir entre as categorias movidas e os seus vestígios: em (1b) todos não c-comanda o seu vestígio no interior do SN sujeito.

Note-se que o tratamento de todos como um elemento adverbial directamente gerado pelas regras de base como defendido em Klein (76) e Jaeggli (80) (n.7), na sequência de uma sugestão de Kayne (75), não levanta os problemas referidos acima, mas não relaciona de forma tão natural quanto a hipótese transformacional o quantificador com o SN por ele modificado.(n. 3).

Formulemos então a hipótese de análise alternativa: (1b) deriva de (1a) não por posposição do quantificador, mas por anteposição do SN os alunos, combinada com a subida de V_I .

Começemos pela subida do SN. Admitamos que ele vai para uma posição adjunta a IP (Inflection Phrase (n. 8, n. 9)). (11) representa a estrutura "S" resultante:

(11) [_{CP} [_{IP} Os alunos_i [_{IP} [_{NP} todos v_i] [_{I'} INFL [_{VP} oferece- flores ao professor]]]]]

Note-se que a frase que obtemos é ainda diferente de (1b). Em (12), a actualização de (11), *todos* precede o verbo enquanto que em (1b) o segue:

(12) ? Os alunos *todos* ofereceram flores ao professor.

Embora menos aceitável que (1b), (12) é uma frase possível em Português. (12) torna-se no entanto perfeitamente gramatical se sobre *todos* recair um acento contrastivo, como exemplificado em (13):

(13) Os alunos *TODOS* ofereceram flores ao professor.

Voltemos a (11), a estrutura "S" de (12). A adjunção de SN a IP é no quadro de *Barriers* (cf. Chomsky (86)), uma adjunção possível: o SN é uma projecção máxima e IP não é um argumento. Mas como é o vestígio governado no interior do SN? Independentemente do estatuto de IP como barreira (cf. Chomsky (86), Ambar (86)) o SN sujeito é ele próprio uma barreira, i. é., é uma projecção máxima não L-marcada (n. 10). Consequentemente v_i não é governado pelo seu antecedente em posição adjunta a IP; há uma barreira que intervém entre um e outro e o SN (a barreira referida) que domina o vestígio exclui o SN os alunos adjunto a IP (o antecedente do vestígio) (n. 11). (12) devia assim ser uma frase agramatical. Esta predição, incorrecta para o Português já que (12) é uma frase apenas marginal, é correcta para a frase correspondente em francês:

(14) * Les enfants *tous* ont offert des fleurs au professeur. (n. 12)

Uma hipótese plausível consistiria em atribuir a diferença Português/Francês ao parâmetro do sujeito nulo. No caso português, o vestígio seria interpretado como *pro* identificado pela flexão.

O estatuto marginal da frase portuguesa resultaria do facto de este *pro* ser interpretado como um *pro*-variável (A'-ligado pelo SN em posição adjunta). Compare-se esta estratégia com a análise de Obenauer (83) que atribuiu o carácter marginal de algumas violações de ilha *QU*- exactamente à possibilidade de a categoria vazia na posição origem do constituinte interrogativo poder ser interpretada como *pro*-variável.

Explicamos assim o contraste Português/Francês exemplificado em (11) / (14) respectivamente. Note-se que se assim é esperamos que as frases correspondentes em Italiano e Espanhol, duas línguas de sujeito nulo, se incluam no paradigma português. É o que os factos parecem confirmar. Tanto em Italiano como em Espanhol obtemos os contrastes que exemplificámos para o Português com as frases (12) e (13), como ilustrado em (15) e (16):

(15) a. ? I ragazzi tutti hanno offerto fiori al professore.

b. I ragazzi TUTTI hanno offerto fiori al professore.

(16) a. ? Los niños todos regalaron flores al profesor.

b. Los niños TODOS regalaron flores al profesor.

Mas duas perguntas surgem ainda necessariamente: (i) porque é (13) melhor que (12) ? (ii) se o contraste (12) / (14) é atribuível ao parâmetro do sujeito nulo, como explicar a gramaticalidade de (17a) vs (17b) em Inglês:

(17) a. The students all left.

b. * The students left all.

Antes de prosseguir na discussão destas questões, consideremos de novo a frase (1b). Como veremos, os mecanismos que legitimam em estrutura "S" construções como (1b), legitimam também em FL (Forma Lógica) as estruturas (13) e (17a).

Em (1b), a subida do verbo é visível já que tem lugar em estrutura "S". (18) representa a estrutura "S" de (1b):

(18) [_{CP} [_{IP} Os alunos_i [_{IP} ofereceram_{kj} [_{IP} [todos v_i] [_r t_{kj} [_{VP} tk flores ao professor]]]]]]]

Mas se em (11) a adjunção de SN a IP não levantava problemas, o mesmo não acontece com a adjunção de V_I (ofereceram) a IP em (18). De facto, sendo V_I uma cabeça, esta adjunção constitui uma violação a HMC (Head Movement Constraint) tal como é formulada em Chomsky (86, 71) (n. 13). Esta restrição a movimentos de categorias X⁰ é, como faz notar Chomsky, "a kind of Emonds's Structure-Preserving Hypothesis" (cf. Chomsky (86, 73)).

Repare-se no entanto que em (18) a adjunção de SN e de V_I a IP cria uma estrutura de frase derivada. Noutros termos, podemos admitir que não há violação de "Structure-Preserving Hypothesis" nos casos em que o verbo em posição de adjunção pode ser interpretado com uma cabeça derivada relativamente à estrutura IP recém-criada (n. 14).

Admitindo a estrutura dada em (18), o IP mais baixo é agora l-marcado por V_I. IP, uma vez l-marcado, torna-se transparente permitido que o SN sujeito também o seja. Os requisitos necessários ao governo de V_I pelo seu antecedente os alunos estão satisfeitos: (i) V_I é m-comandado e c-comandado pelo seu antecedente e (ii) não há uma barreira Q tal que Q domina v_i e Q não domina o SN os alunos. Assumindo com Lasnik & Saito (84) e Chomsky (86) que governo por antecedente equivale a governo próprio, v_i é propriamente governado em (18) (n. 15).

Predizemos assim a boa formação de (18), a estrutura "S" de (1b).

E se a estruturas de "pseudo" flutuação do quantificador corresponde como aqui propomos uma subida do Verbo predizemos também a agramaticalidade das frases de (9), repetidas aqui:

(9) a. * Os alunos ofereceram flores todas ao professor.

b. * Os alunos ofereceram flores ao professor todos.

Considerando o movimento de V_1 como o movimento de uma categoria X_0 para uma posição de cabeça derivada, não é possível admitir que com o verbo se desloque parte (ou a totalidade) dos seus argumentos. Se tal acontecesse teríamos uma violação da Hipótese de Preservação de Estrutura como proposta em Emonds (76).

Retomemos as questões levantadas pela análise das frases (12) - (15).

Consideremos a primeira questão, TODOS tem em (13) uma função de FOCO.

Sem me deter agora sobre estas construções (n.16), direi apenas que em (13) o Verbo tem de subir obrigatoriamente em FL para governar o constituinte focalizado. Ocorrendo este movimento do verbo em FL, ele não é agora visível em superfície, contrariamente ao que acontecia em (18). No entanto, a mesma estratégia de governo, desencadeada em estrutura "S" pela subida do verbo, está também disponível em FL. Em (13) v_1 é propriamente governado em FL sem que seja necessário recorrer à estratégia pro e a frase é predita gramatical.

Quanto à segunda questão, tem sido defendido que em Inglês os verbos lexicais (por oposição aos verbos auxiliares) não sobem para a Flexão em estrutura "S". A subida do verbo é no entanto possível (ou mesmo obrigatória) em FL. Evidência para esta hipótese tem sido fornecida por Pollock (87), Chomsky (87, Fall Lectures) e Lasnik (p. c.). Se o verbo não sobe em Inglês em estrutura "S" e se a posição pós-verbal do quantificador é, como estamos a propor, consequência dessa subida, esperamos que em inglês não sejam possíveis frases com o quantificador em posição pós verbo lexical. Se

por outro lado a subida do verbo é possível (ou obrigatória) em Inglês em FL, prevemos que o vestígio deixado pelo movimento do SN possa ser legitimado nesse nível, tal como para os casos de FOCO em Português (cf. (13)). O contraste (17a) / (17b) confirma as nossas previsões.

Com esta análise resolvemos os problemas postos pela proposta de posposição do quantificador. Simultaneamente, sem termos de recorrer à hipótese, menos natural, de que todos, é gerado pelas regras da base directamente nas posições em que surge em estrutura de superfície, damos conta da generalização de Kayne que levou a assimilar a distribuição destes quantificadores à distribuição dos advérbios. Vejam-se por exemplo os seguintes casos do inglês;

(19) a. The students all left.

b. * The students left all.

c. The students have all left.

(20) a. The students always returned the books on time.

b. * The students returned always the books on time.

c. The students have always returned the books on time.

Admitindo que o advérbio ocupa a posição inicial do SV, e se, como já referimos (ver também Emonds (76) e Pollock (87)), em Inglês o verbo não sobe em estrutura "S", a posição prevista para o advérbio é a exemplificada em (20a) e não em (20b), tal como a posição do quantificador é a dada em (19a) e não em (19b). Em (19c) e (20c) tanto o quantificador como o advérbio ocupam uma posição pós-verbal. Note-se no entanto que neste caso estamos na presença de um auxiliar e não de um verbo lexical. Dissemos já que em In-

glês os auxiliares, contrariamente aos verbos principais sobem para Flexão, sendo o movimento subsequente para COMP também legítimo com um auxiliar mas não com um verbo principal, como o atesta o seguinte par de frases:

(21) a. * What bought the students?

b. What did the students buy?

Paralelamente, a elevação de um verbo auxiliar para uma posição adjunta a IP é também possível, contrariamente ao que acontece com os verbos principais. Obtemos assim um tratamento unificado dos casos (19) e (20). O carácter anafórico de todos relativamente ao SN que quantifica, tal como foi descrito por Kayne (75)/(84), Quicoli (76) e Belletti (82), entre outros, também encontra nesta análise uma razão de ser. Todos por concordância Especificador-Cabeça está coindexado com o N de que o SN por ele modificado é projecção máxima. Consequentemente, o SN recebe por percolação o mesmo índice que tem o quantificador.

A análise proposta tem consequências no estudo de outras estruturas que não trataremos aqui.

Para terminar, apenas uma discussão breve do aparente contra-exemplo que o seguinte paradigma constitui:

(22) a. Todos os alunos decidiram ir à praia.

b. Os alunos decidiram ir todos à praia.

Claramente, (22b) não pode ser derivado de (22a) por movimento do SN os alunos da posição sujeito da frase encaixada para a posição sujeito da frase matriz. Uma tal hipótese, nas suas diferentes opções técnicas, conduziria sempre a uma violação do Θ - Critério.

Repare-se que as estruturas de (22) são estruturas de

controlo. A hipótese de movimento à esquerda do SN sujeito da frase encaixada é neste caso excluída pelos mesmos princípios que excluem esse movimento em qualquer estrutura de controlo:

(23) a. Os alunos decidiram ir à praia

b. Os alunos querem passear.

A proposta alternativa é evidente. Em (22b) todos faz parte de um SN que contém uma categoria vazia diferente de um vestígio. Dada a tipologia das categorias vazias do actual quadro da gramática generativa, tal categoria só pode ser PRO ou pro.

Limitações de ordem várias impedem-me de aqui apresentar a análise que em trabalho em curso proponho para estas construções. Direi apenas que tal análise faz a opção pro, atribuindo ao SN sujeito da frase encaixada de (22b) a estrutura (24):

(24) [SN TODOS [SN pro]]

A relação anafórica entre este SN e o SN sujeito da frase matriz em (22b) resulta dos mesmos processos que fazem que em (23) o sujeito de ir ou passear seja obrigatoriamente controlado pelo sujeito de decidir ou querer, respectivamente. Atribuindo o estatuto pro à categoria vazia sujeito da frase encaixada, damos um passo no sentido de permitir que a teoria do controlo seja subsumida por outros princípios gerais da gramática.

Assim a proposta de análise dos pseudo casos de Flutuação do Quantificador, aqui apresentada, para além de descrever de forma adequada as construções discutidas ao longo deste trabalho, fornece também evidência empírica e teórica para um tratamento mais elegante das chamadas estruturas de controlo que, por sua vez, longe de constituírem contra-argumento à nossa análise, passam de certo modo a validá-la.

NOTAS

1. Sobre a noção de quantificador e de quantificador universal veja-se a seguinte definição dada em Lopes (1972, p. 94): "Por **quantificadores** em sentido estrito, entendem geralmente os livros de lógica dois operadores, frequentemente representados pelos sinais \forall e \exists . O primeiro destes sinais diz-nos que o conjunto é encarado na totalidade dos seus elementos: se L significar um dado conjunto de livros, $\forall x \in L$ pode traduzir-se, em linguagem corrente, por expressões como "todos os livros", "qualquer que seja o livro", "para todo o livro".
2. Já depois da apresentação desta comunicação tomei conhecimento de um trabalho que defende uma hipótese semelhante. Trata-se de Sportiche (87). No entanto, apesar deste ponto em comum (movimento à esquerda do SN), a análise de Sportiche afasta-se da perspectiva que aqui defendo. Aquele autor considera que o SN que inclui o quantificador é gerado sob o domínio de SV, indo o SN movido para a posição sujeito de IP (especificador de IP), segundo a análise de estrutura da frase defendida em Koopman & Sportiche (85). Na minha análise como veremos mantereí que o SN sujeito é gerado na posição sujeito de IP (especificador de IP).
3. Note-se no entanto que esta abordagem também tem alguns problemas. Como associar todos ao elemento que ele modifica? Que regra interpretativa o faria? Por outro lado, a distribuição do advérbio nem sempre coincide com a do quantificador supostamente deslocado. (3b) não é, em Português, tão agramatical quanto (3d). Com pausa é possível aceitar para o advérbio posições que o quantificador não admite. Vejam-se as frases (i)-(iii) abaixo:

(i) ? As crianças oferecem chocolates, frequentemente, aos amigos.

* As crianças oferecem chocolates, todas, aos amigos.

(ii) As crianças oferecem chocolates aos amigos, frequentemente.

* As crianças oferecem chocolates aos amigos, todas.

(iii) Frequentemente, as crianças oferecem chocolates aos amigos.

* Todas, as crianças oferecem chocolates aos amigos.

Os exemplos acima fazem-nos pensar que, embora de uma forma marcada, o advérbio tem mais autonomia que o quantificador no que respeita a movimento no interior de uma frase. Em termos teóricos, uma hipótese plausível seriam considerar que os vestígios deixados pelos advérbios podem ser apagados, como proposto por Lasnik & Saito (84) para assimetrias na extracção de sujeitos vs adjuntos, com motivação dada pelo Princípio de Projecção. Nesta hipótese a existência ou não de c-comando entre a categoria movida e a sua posição de origem seria irrelevante, já que o vestígio do advérbio não teria de ser governado em estrutura "S".

4. A par de L-tous que move para a esquerda o quantificador associado a um SN já esvaziado (pelas regras de colocação do clítico, ou pela relativa, ou noutros termos, L-tous move para a esquerda um quantificador nu ("bare")), Kayne (75) considera uma outra transformação Q-Post que desloca o quantificador para a direita. Q-Post é uma transformação semelhante a Q-postposing, proposta por Postal (74) que Maling (76) desdobra em duas transformações: Q-Floating e Q-Pro Flip. Nesta última análise, a primeira transformação desloca o quantificador para fora do SN enquanto que a segunda desloca também o quantificador para a direita, mas no interior do SN. Em alternativa à proposta de Postal (74) de Q-Pro Attachment que cliticizaria o quantificador no pronome, Maling (76) procura dar conta de contrastes do tipo:

(i) I saw them all

(ii) * I saw the students all.

Q-Pro Flip exige que o SN seja um pronome como em (i).

5. Note-se que seguindo uma observação de Jerónimo Soares Barbosa (1822, 289) o actual Pretérito Perfeito Composto em Português deriva de estruturas como a de (8).
6. Não discutirei aqui a questão da estrutura interna do SN. (10) é uma opção possível, que não deixa no entanto de levantar alguns problemas. Um deles consiste em admitir que em estrutura profunda há estruturas de adjunção, um pouco contra os princípios gerais da teoria X'. Note-se no entanto que Chomsky (86) considera que estruturas com auxiliares correspondem em estrutura profunda a um tipo especial de adjunção (cf. Chomsky (86, 76). Esta é uma questão em aberto no actual quadro da teoria da Regência e Ligação. Qualquer que seja a análise a adoptar, a todos terá de ser atribuído um estatuto diferente do que se atribui a outros especificadores. Compare-se (1b) com (i) abaixo, vemos que os, estas, uns não podem dissociar-se de alunos:

(i) * Alunos ofereceram os flores ao professor.

* Alunos ofereceram estes flores ao professor.

*Alunos ofereceram uns flores ao professor.

Uma hipótese alternativa consistiria em considerar todos como uma cabeça seleccionando o NP como seu complemento. Os quantificadores que entram em estruturas partitivas, e que por sua vez se comportam como o quantificador universal no que diz respeito à flutuação do quantificador, fornecem alguma evidência empírica para esta abordagem: a concordância com as desinências de Flexão no verbo estabelece-se não entre o SN e Flexão, mas antes entre o quantificador e a Flexão:

- (ii) a. Qualquer dos rapazes sabe isso.
 b. Alguma das crianças partiu o vaso.
 a'. * Qualquer dos rapazes sabem isso.
 b'. * Alguma das crianças partiram o vaso.

Para um estudo detalhado da hipótese de tratamento do determinante como cabeça da sua projecção máxima veja-se Abney (87). Note-se no entanto que esta hipótese não é a única adequada ao tratamento da concordância referida acima. Alternativamente podíamos ainda admitir que a concordância em (ii ab) se faz com uma cabeça da categoria N que corresponderia a uma categoria vazia (provavelmente pro), sendo o SP que co-ocorre com o quantificador um complemento desta categoria. O quantificador seria ainda um especificador e a sua forma singular seria explicável pela relação de concordância Especificador-Cabeça (cf. Chomsky (86)).

A forma singular do quantificador universal que surge em frases do tipo (iii) não admite flutuação do quantificador:

- (iii) Todo o homem sonha, vs Todos os homens sonham.
 * O homem sonha todo, vs Os homens sonham todos.

Sobre o diferente estatuto de todo o vs todos ver Peres (87).

7. Seguindo uma sugestão de Edmonds (76) segundo a qual advérbios são categorialmente adjectivos, Jaeggli (80) atribui estes quantificadores à categoria adjectivo, o que lhe permite explicar as propriedades flexionais destes quantificadores, por oposição à invariabilidade do advérbio. Assim para Jaeggli não há qualquer regra de flutuação do quantificador: "There is no rule of Q-floating. Rather, displaced Q's, in reality adjectives, are generated in (adverbial) position by the rules of the base". Na análise de Klein (76) todos seria marcado + adv, + Q, o que permitiria inseri-lo quer como advérbio, quer como especificador dentro do SN.
8. Por comodidade de exposição, manterei o símbolo inglês IP a que em Português devia corresponder SF (Sintagma Flexional). Note-

se que IP, posição de Flexão, corresponde em Chomsky (86) ao nó F (Frase).

9. Uma alternativa plausível seria considerar que o SN vai para a posição SPEC de CP e o verbo para COMP. Esta hipótese, que resolveria os problemas postos pela adjunção a IP (cf. (18)), levanta no entanto questões que, embora solucionáveis, exigiriam a discussão de outros aspectos sintácticos que ultrapassem o âmbito deste trabalho.

10. Como definido em Chomsky (86, 14-15):

" γ is a barrier for β iff (a) ou (b);

a. γ immediately dominates δ , δ a BC for β ;

b. γ is a BC for β , $\gamma \neq IP$."

" γ is a BC for β iff γ is not L-marked and γ dominates β ".

" α L-marks β iff α is a lexical category that θ -governs β ".

11. Como definido em Chomsky (86, 9):

" α governs β iff α m-commands β and there is no γ a barrier for β such that α excludes α ."

" α excludes β if no segment of α dominates β ."

12. Sobre o estatuto destas frases ver Kayne (75).

13. Cf. Chomsky (86, 71):

"Movements of a zero-level category β is restricted to the position of a head α that governs the maximal projection γ of β , where α θ -governs or L-marks γ if $\alpha \neq C$."

14. A hipótese de adjunção de V (uma cabeça) a SV (uma projecção máxima) foi defendida por Pollock (1987). Sobre uma hipótese de solução semelhante à que aqui propomos (de cabeça derivada) ver Kayne (87, n. 8).
15. A discussão desta questão ultrapassa o âmbito deste trabalho. Notemos apenas que a hipótese de que governo próprio requer governo lexical para além de governo por antecedente não invalida a nossa análise.
16. A análise deste tópico passa pelo estudo de questões mais gerais relacionadas com estruturas de FOCO e subida do verbo que constituem trabalho de investigação em curso.

REFERÊNCIAS

- Abney, S. (1987). *The English Noun Phrase In Its Sentential Aspect*. Dissertação de Doutoramento, MIT.
- Ambar, M. (1986). "Auxiliary inversion and the Barrierhood of IP". Ms., apresentado a going Romance 87, Univ. de Utrecht.
- Baltin, M. (1980). "On the Notion "Quantifier Phrase". LI: 247-249.
- Barbosa, J. S. (1822). *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados à Nossa Língua*. Tipografia da Academia das Ciências, Lisboa.

-
- Belletti, A. (1982). "On The Anaphoric Status of the Reciprocal Construction in Italian", *The Linguistic Review* 2: 101-137.
- Chomsky, N. (1986). *Barriers*. The MIT Press, Cambridge, Mass.
- Emonds, J. (1986). *A Transformational Approach to English Syntax*. Academic Press., N. Y., N. Y.
- Jaeggli, O. (1980). *On some Phonologically Null Elements in Syntax*. Diss. de Doutorado, MIT.
- Kayne, R. (1975). *French Syntax: The Transformational Cycle*. The MIT Press, Cambridge, Mass.
- Kayne, R. (1984). "Bidding, Quantifiers, Clitics and Control" in R. Kayne (75) *Connectedness and Binary Branching*. Foris, Dordrecht.
- Kayne, R. (1984). "L'Accord du Participe Passé en Français et en Italien". Ms., Univ. Paris VIII.
- Kayne, R. (1987). "Null Subjects and Clitic Climbing". Ms., MIT.
- Klein, S. (1976). "A Base Analysis of the Floating Quantifier in French". *Proceedings of the Seventh Annual Meeting of NELS*.
- Lasnik, H. & M. Fiengo (1976). "Some Issues in the Theory of Transformations". *LI* 7: 182-192.
- Lasnik, H. & M. Saito (1984). "On the Nature of Proper Government". *LI* 15:235-290.
- Lopes, O. (1972). *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*. Instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa.

-
- Maling, J. (1976). "Notes on Quantifier Postposing". LI: 708-718.
- Obenauer, H. (1983). "On the Identification of Empty Categories".
The Linguistic Review 4: 153-202.
- Peres, J. (1987). Para uma Semântica Formal de Quantificação Não-Massiva. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Lisboa.
- Pollock, J-Y. (1987). "Sur la Syntaxe de la Négation de phrase en Français et en Anglais: Déplacement du Verbe et Grammaire Universelle". Ms., Univ. de Paris Val de Marne.
- Postal, P. (1974). On Raising. The MIT Press, Cambridge. Mass.
- Quicoli, C. (1976). "Conditions on Quantifier Movement in French".
LI 7: 503-607.
- Sportiche, D. (1987) "A Theory of Floating Quantifiers". NELS 17.